

PROJETO DE LETRAMENTO NA REDE CUCA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A CULTURA SURDA EM TEMPO-ESPAÇO PANDÊMICO.

Emanuel Bruno Carioca Silva ¹
Daniel de Oliveira Santos ²
Maria do Socorro Oliveira ³

RESUMO

A Rede Cuca, situada na capital cearense, projeta-se socialmente preconizando sempre oportunizar aos jovens periféricos condições para uma integralização e ascensão sóciopolíticocultural e também educacional. As múltiplas atividades desenvolvidas nessa rede não se restringem aos jovens enquanto aprendentes, mas abrangem o nicho de funcionárias(os) lotados também naquela instituição. Enquanto agência promotora de letramento, são ofertados cursos tidos como de capacitação visando responder às exigências sociais condicionadas pelo público transeunte. Percebendo-se que surdos usuários de Libras passaram a usufruir daquele espaço, a gestão vigente tendo como escopo promover um diálogo equitativo, apensou ao projeto Reconhecer e Mudar (Recognize and Change) a temática Cultura Surda. Tal iniciativa ocorreu em tempo-espaço pandêmico no ano de 2021. Através de uma transposição de experiências pessoais em direção a uma publicização, recorreu-se a intentos metodológicos que se perfizeram de abordagem qualitativa de cunho exploratório-descritivo, sendo enroupados por narrativas pessoais. Ademais, optou-se pelo uso do *printscreen* possibilitando, desta feita, o registro das diversas manifestações da linguagem presentificadas neste projeto de letramento – os textos, bem como as escrituras em cada etapa do projeto subsidiaram as análises que se situam no campo dos gêneros discursivos. A transdisciplinaridade, os (des) encontros epistemontológicos, bem como os (des) aprendizados apensados neste trabalho estão no sentido e direção das multifacetadas da Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Projeto de letramento, Cultura surda, Rede Cuca, Gêneros discursivos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

No ano de 2021, ainda atravessávamos os picos de contaminação e disseminação do Covid-19. As instituições públicas e privadas tiveram de se adequar recorrendo ao meio

¹ Professor e Tradutor de Libras, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem –UFRN, e pesquisador do GEDESPI- Grupo de pesquisa Educação para as diferenças e os estudos surdos na perspectiva interdisciplinar- EDESPI, da Universidade Federal do Ceará, bruno06carioca@gmail.com;

² Graduando do Curso em Licenciatura de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará - UFC, danisantosdesign@gmail.com;

³ Professora titular do Departamento de Letras da UFRN, maria.socorro@ufrn.br.

cibernético para mitigar os impactos nefastos ocasionados pela ausência da interação presencial.

Nesse ínterim, no mês de março daquele ano, os autores deste trabalho foram convidados, a priori, para participar como agentes de um “projeto de formação”, Projeto Reconhecer e Mudar (Recognize and Change), financiado pela Comissão Europeia (DG EuropeAid). O intuito deste projeto era ofertar uma espécie de capacitação para colaboradores da Rede Cuca de Fortaleza, em breve iremos explicitar um pouco mais sobre essa rede.

Tomando ciência e aceitando o convite, seguimos um cronograma que envolveu práticas e eventos de letramento (KLEIMAN 2000; OLIVEIRA, TINOCO E SANTOS 2014) concretizados por meio de : reunião de alinhamento com outros facilitadores, apresentação de propostas de uso de metodologias digitais – rotação por estações –, organização de ementas de disciplinas, elaboração de planos de aula, além de pensar em como realizar as exposições de aulas síncronas e assíncronas (uso de slides, vídeos e material de apoio).

Ainda nesse sentido , foram debatidas questões de uso de plataformas e redes sociais como mecanismos de interação entre estudantes (colaboradores da rede) e facilitadores² (o autor do trabalho). Houve também grandes desafios na elaboração de avaliações tidas como digitais: o papel ,o giz e a lousa nesse entremeio foram preteridos, quiçá atualizados.

Nota-se que todo este projeto, fora mediado , transpassado e concretizado por meio de gêneros discursivos; posto isso, veremos mais adiante que este feito se alinha ao *mundos de letramentos* , termo assentado nos pressupostos de Barton (1993). Remando nessa mesma maré, na próxima seção, aproveitaremos para justificar bem como explicitar um pouco da nossa motivação que nasce do interesse em acessar camadas de letramentos que circundam a comunidade surda³ brasileira e que ainda não receberam um tratamento sob a égide da Linguística aplicada.

MOTIVAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Coadunar letramentos (s) às práticas didático-pedagógicas não é tarefa fácil. Ainda, mais desafiador é abordar questões de projeto de letramento vinculadas ao meio digital. Apenas ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL UFRN neste ano de 2022, é que o autor teve a experiência de se debruçar nas questões de

² Facilitador nesse primeiro momento se deteve aos ministrantes de aula, foi o termo usado pela Rede Cuca ao estender o convite ao autor e coautora.

³ Comunidade Surda é composta por diversos interlocutores que não são surdos, a estes é resignado o termo ouvinte. Aqui neste trabalho , autor e co-autora são ouvintes , sendo que o terceiro coautor é Surdo.

letramentos. Duas maestrinas puderam oportunizar esse intercâmbio de conhecimentos, as excelentíssimas professoras Maria do Socorro Oliveira e Ivoneide Bezerra.

Não me contentando apenas em “trocar figurinhas” entre meus pares pós-graduandos da UFRN, estendi o convite para que o coautor deste trabalho pudesse conjuntamente imergir nesse universo ora transdisciplinar, ora indisciplinar chamado letramento. Abordar questões de letramento é seguir caminhos emaranhado de encruzilhadas. Assim sendo, aqui neste trabalho fomos atraídos a olhar pelo prisma da Linguística Aplicada, uma vez que este campo de estudo permite um *ad continuum* de (des)aprendizados, Indisciplinaridades radicais , transgressões epistemológicas, reflexões, projeções, ações e mudanças sociais que envolvem política, ideologia , culturas e rompimentos de fronteiras (Lopes, 2008 ; Falabella Fabrício ,2017).

Sem fatigar a leitura, necessário evocar Bakhtin (2011. p.11) não focamos no “eu sou (estaque), mas no tornar-se”, sujeito inacabado, sempre se modificando e propício a ser moldado pelo/no meio social; diante disso, urge uma necessidade de manter uma relação dialógica com os estudos do Letramento e Estudos Surdos (KLEIMAN, 2005; SKLIAR, 2005; SOCORRO ,2014). Em face disso, conclamamos as palavras sábias de Paulo Freire, temperar este trabalho com criticidade alargando possibilidades de emancipação somadas a um ser não ingênuo, condiz com um letramento crítico e cívico (IVONEIDE SANTOS, 2016).

Nosso projeto de letramento ocorreu em 2021 e queríamos trazer essa experiência para a literatura. Entretanto, havia entraves em relação às escolhas de referenciais teóricos , em detrimento de haver um hiato entre um referencial teórico que almejávamos e o que nos era apresentado, estes por sua vez ainda estavam circunscritos nos pressupostos de Vygotsky (2010) em que o ensino e aprendizagem ocorrem por meio da mediação. Não ojerizando a mediação proposta pelo autor, mas algo nos incomodava, pois, nossa experiência transcendia a ação de mediação, entendida como relações de saberes entre aqueles que recebem a ação e outros que realizam a ação (mediado-mediador).

Propomos neste trabalho um novo olhar , o chamaremos, doravante ,de transmediação: a relação de aprendizado que ocorre entre professores-estudantes , estudante-estudantes, familiares-estudantes e familiares de estudantes-professores; promovendo, assim, um ambiente rico de aprendizagem, com lastros críticos , emancipatórios , não ingênuo, e não bancário (FREIRE , 2011).

Para nossa alegria, o construto teórico que se adequava ao nosso projeto advinha do Wenger (2015) que aborda as questões de comunidades de prática (COP), e que sua

aplicabilidade sofre uma transposição, partindo da área administrativa e adentrando a Educação. Esta nova faceta, por assim dizer, fora endossada pelas professoras Oliveira (2006) e Santos e Oliveira (2012), no chamado projeto de letramento; sobre isso, iremos discutir com mais detalhes em outra seção.

LETRAMENTO (S)

Afinal, agora, tudo ao nosso redor é letramento ? Esse questionamento paira nas discussões daqueles que passam a integralizar esse processo social. É comum (ou)virmos que há letramento para tudo : letramento escolar , acadêmico, digital, letramento ecológico; recentemente tivemos cunhado o letramento comunitário⁴ e correlatos. O que nos importa é compreender que há letramentos múltiplos e múltiplos letramentos. Partindo dessa premissa, nas palavras de Oliveira (nota de aula 2022), os letramentos ocorrem no meio social e estão ocorrendo paralelamente.

Aqui no Brasil , a professora Kleiman (2005) alinha, a priori, a concepção que se tem de letramento com as de Scribner e Cole, enquanto conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Entretanto, convém salientar que a mesma autora se aproxima de um conceito que leva em consideração não apenas a escrita , mas a leitura bem como a oralidade.

Pensando em ampliar horizontes, depreende-se letramento como uma prática social situada, para Barton e Hamilton (2000), essa prática possui algumas peculiaridades, vejamos algumas características discutidas pelos autores (figura 01) :

⁴ Para aprofundar essas questões de letramento comunitário, sugerimos a leitura do livro Letramentos na, para a e além da escola sob a organização de Kersch et al (2020).

- *Literacy is best understood as a set of social practices; these can be inferred from events which are mediated by written texts.*
- *There are different literacies associated with different domains of life.*
- *Literacy practices are patterned by social institutions and power relationships, and some literacies are more dominant, visible and influential than others.*
- *Literacy practices are purposeful and embedded in broader social goals and cultural practices.*
- *Literacy is historically situated.*
- *Literacy practices change and new ones are frequently acquired through processes of informal learning and sense making.*

Quadro exposto em Barton e Hamilton (2000,p.8)

Enquanto que no primeiro ponto podemos inferir que eventos de letramento ocorrem sob mediação de textos , o ponto dois reitera a resposta de tantos questionamentos iniciados nesta seção. Assim sendo , há diferentes letramentos associados a diferentes domínios da vida. Concatenando-se a essas questões , Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) abordam a acepção de letramentos ,no plural, por uma razão que perpassa as ideias bakhtinianas, a polifonia de vozes, aqui entendida como múltiplas semioses produzidas , adquiridas e expandidas por meio de textos.

No que tange à *Mundos de letramento*, ideias propostas por Barton (1993), trazem no seu bojo aproximações com essa rede de letramentos, as diferentes formas de usar a linguagem com para fins sociais. Notório que este autor traz uma metáfora bem instigante “Literacy as Robber”, letramento como “vilão”. Ele exemplifica apontando três tipos de “worlds of literacy”.

No exemplo 1(um) , um mundo sem letramentos seria consubstanciado por um mundo em que ler e escrever seria substituído por outras habilidades humanas. O segundo mundo consistiria em que somente alguns teriam acesso à leitura e escrita e nesse contexto o vilão entraria em cena , “robs”” identidades e "strengths", capacidades intelectuais e sociais. Já o terceiro se assimila com o segundo, sendo diferenciados pelo julgamento alheio sobre suas capacidades “letradas/iletradas”. Subjaz a esses exemplos questões de que letramento é poder ,é política, é cívico; em suma, universo ou mundos.

Para agraciar ainda mais essa questão plural , temos uma definição de letramento contemporâneo, aproximando-se de um letramento crítico, que nos aloca para uma looping de

reflexões , ou como diria a professora Socorro de Oliveira (informação verbal⁵) uma ruminação reflexiva. Os autores Duffelmeyer e Ellertson (2005) ao citar Sean Williams corrobora com as considerações tecidas até aqui;

Ser letrado no século XXI significa possuir as habilidades necessárias para efetivamente construir e navegar confortavelmente pela multiplicidade, manipular e criticar informações, representações, conhecimento, e argumentos dentro dos múltiplos meios de comunicação a partir de uma ampla variedade de fontes, e para usar múltiplas e expressivas tecnologias, sendo contempladas as ferramentas impressas, visuais e digitais (Sean Williams, 2001, p. 22).

Atinente ao sujeito letrado, convém salientar que não existe possibilidade de dicotomias entre letrado e iletrado (termo que reduz, oblitera e acomete um epistemicídio⁶). Paulo Freire (2017, p.64) no livro A importância do ato de ler já nos alertava para que antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo” ,bem ou mal o mundo que nos cerca.

PROJETO DE LETRAMENTO , NUANCES ENTRE GÊNEROS , TEXTOS E DISCURSO(S).

Nesta seção, far-se-á uma breve discussão a respeito de textos-discursos, gêneros e projeto de letramento . O intuito não é fatigar o leitor, mas visa a um olhar mediado ora pelo prisma da linguística textual , ora pelo da Análise do Discurso Crítica (ADC) bem como realizar um coito com Análise Dialógica do Discurso (ADD). Em relação à Projeto de Letramento, enviesamos pelas nobres considerações de Maria do Socorro de Oliveira(2016) que aquece nossas discussões e elucida as mais variadas incompreensões.

A proposta de discussões não objetiva realizar digressões desnecessárias como diferenciar texto e discurso, mas prospecta um catapultar de questões-problemas em direção a forças centrífugas (heteroglossias) e não somente centrípetas (Bakhtin , 2002, p.81) . Para engatar no que diz respeito a texto (s), recorreremos a Ingedore Koch (2003) que alinha seu

⁵ Fala da professora Maria do Socorro de Oliveira em junho de 2022 na disciplina Estudos de Letramento.

⁶ Boaventura defende que, para combater o desperdício de experiência, não é suficiente propor outro tipo de ciência. Pelo contrário, é urgente construir uma nova postura epistemológica para recuperar as experiências e saberes relegados ou inclusive destruídos pela lógica colonial-capitalista, pelo que ele designa como epistemicídio. (BOAVENTURA SANTOS , 2018, p.27)

debate às colocações do Círculo bakhtiniano. Ainda convém dizer que Beth Brait também fora primordial para as tessituras relacionadas ao diálogo com texto e discurso.

Encontrar aproximações e distanciamentos , em outras palavras (des) encontros dialógicos oportunizam uma relação dinâmica com a alteridade. Como forma de aperitivo , podemos insultar as postulações de Fairclough a despeito do que seria(m) texto(s),

Os textos são as realizações de interações situadas dos agentes sociais, cujo órgão é, no entanto, habilitado e constrangido por estruturas sociais e práticas sociais. Nem uma perspectiva amplamente internacional nem uma perspectiva amplamente estrutural (esta última agora incluindo práticas sociais) sobre textos podem ser dispensadas, mas nem é suficiente sem o outro. (Fairclough, 2004).

Como nosso projeto possui uma rubrica contendo lastros sociais , encapsulado por questões de ensino e aprendizagem, e como já foi dito que nesse entremeio fomos trans(mediados) por textos e logo por gêneros , trazemos à luz as considerações de Bazerman (2015,p.39); que asserta que gêneros não são apenas formas. Consoante a isso, gêneros são formas de vida, modos de ser, são frames para a ação social, são ambientes para a aprendizagem.

Brait (2012), uma das intérpretes de Bakhtin aqui no Brasil, versa sobre a concepção de texto e discurso tomando como base as anotações deste autor, traduzidas para português entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. Há uma cadeia que se enrosca a cada termo bakhtiniano, ante o exposto tanto texto quanto discurso estão envoltos nisso. Se há uma definição de texto tida como “conjunto coerente de signos” e ciente que tudo que é semiótico é ideológico , aqui texto é visto enquanto enunciado-discursivo, havendo portanto materialidade semiótica como também fenômeno ideológico e situado histórico-socialmente.

Assim sendo, nos resta pontuar o que seria Projeto de Letramento. Para responder tal questão, mnemonicamente devemos ter em mente que letramentos estão para o coletivo , assim como Projeto de Letramento está para um espectro transdisciplinar. Ainda pertencente a essa situação, Oliveira (2010. p.341) destaca algumas redes de componentes presentes em Projeto de Letramentos, seriam estas: prática social, resolução de problemas, comunidade de aprendizagem, aprendizagem situada, abordagem colaborativa, agentes de letramento, currículo dinâmico (emancipador) e ensino com gêneros discursivos.

Não findando , mas por ora , é sabido que Angela Kleiman já trazia a definição de projeto de letramento na década 2000. Neste trabalho optamos pelas considerações de Oliveira, Tinoco e Santos (2014. p.48) em que projeto de letramento seria então , algo a ser

(re)construído, (re)contextualizado, trabalhado como algo novo – não vivido –, voltado para o passado e apontando para o futuro, embora centrado no presente.

Apointamos, a pouco, que estivemos inquietos com fronteiras estabelecidas sob os cânones da dita mediação, entretanto nos abastecer de um construto que transgride e (trans)(In)disciplina se tornou caro aos nossos anseios. Resgatar, diante disso, as ampliações de Etienne Wenger (2015) nos instiga a apreender que *Communities of practice* (COP) possuem tentáculos sociais (existe uma capilarização) imbuídas de três características fundantes: o domínio, a comunidade e a prática.

A Rede Cuca é um exemplo de Comunidade de prática pois agrega pessoas com características afins, não iguais, e são atravessadas pela tríade supracitada. Wenger (2015, p.3.) ao esmiuçar sobre as COP, planilha as atividades desenvolvidas, no seio destas, e aponta o seguinte: *Documenting projects “We have faced this problem five times now. Let us write it down once and for all.”*⁷

Depreende-se que uma das tarefas-força do Cuca é elaborar projetos (de letramento) que visam a mitigar barreiras sejam estas atitudinais, arquitetônicas e linguísticas para as pessoas Surdas que ali permeiam. Interseccionando tais ações, no cronotopo pandêmico (Bakhtin, 2018) de 2021, estivemos limitados ao *touch-touch* presencial e fomos atraídos a migrar para o espaço virtual. Nesse sentido, Wenger (2015) versa que as COP sofreram ao longo do tempo modificações, por que não dizer adaptações? E foram arrebatadas para além das limítrofes físicas, realizando uma espécie de avatar para o meio cibernético.

Concernente ao que problematizamos até aqui Wenger (2015, p.6) ainda assera:

The web. New technologies such as the Internet have extended the reach of our interactions beyond the geographical limitations of traditional communities, but the increase in flow of information does not obviate the need for community. In fact, it expands the possibilities for community and calls for new kinds of communities based on shared practice⁸.

Com este relevo, veremos que o tema Cultura Surda não fora escolhido sob imposição, o empurrar goela abaixo, mas pela necessidade da Rede Cuca de se projetar agentivamente e

⁷ Tradução livre seria: Elaboração de projetos “Já enfrentamos esse problema cinco vezes. Vamos superá-lo de uma vez por todas.”

⁸ Tradução livre: A WEB. Novas tecnologias, como a Internet, ampliaram o alcance de nossas interações além das limitações geográficas, das ditas comunidades tradicionais, em paralelo a isso o aumento do fluxo de informações não elimina a necessidade de comunidade. Na verdade, possibilita a expansão de possibilidades de comunidade e exige novos tipos de comunidades baseadas na prática compartilhada.

visando se retroalimentar de uma exigência social⁹ – se preparar para receber estudantes e funcionários surdos usuários de Libras, mesmo estando em *stand-by* do labor presencial.

A REDE CUCA

A Rede Cuca é uma rede de proteção social e oportunidades formada por cinco Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Geridos pelo Instituto Cuca, os Cucas Barra, Mondubim e Jangurussu, José Walter e Pici (recém inaugurados) atendem, prioritariamente, jovens de 15 a 29 anos, oferecendo cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos.

Além disso, a Rede Cuca também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de fruição cultural por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema (CANAL JUVENTUDE, 2022).

Um ponto que cabe a ser destacado é que a Rede Cuca (Cuca) se imbuí de lastros que a caracterizam como agência de letramento; promovendo, assim, uma comunidade de prática⁹. agenciando favorecendo acesso ao esporte, lazer, cultura, arte, política e correlatos (meta)mediados por textos sejam orais ou escritos. O jovem periférico que acessa ao mundo do Cuca terá oportunidade de vivenciar, partilhar e se projetar enquanto sujeito sócio-cultural-político.

Não se trata de uma entidade esponja, que apenas absorve as estratificações sociais mais vulneráveis. Também se preocupa com uma formação continuada e de qualidade para os agentes que lá estão alocados. Um exemplo disso foi a oferta de um projeto inovador, regido por uma metodologia digital denominada de rotações por estações aberta a todos os colaboradores da rede e em formato virtual. Mais detalhes estarão postos na seção Discussões e Análises.

O QUE SE ENTENDE POR CULTURA SURDA?

⁹ Segundo Oliveira, Tinoco e Santos (2014), complementando os ideias de Etienne Wenger, versa que esse conceito corresponde a uma organização de aprendizagem em que alunos e professores, na qualidade de agentes de mudança e num contínuo processo de construção do conhecimento, agem colaborativamente, potencializando recursos para compreender o mundo e alcançar resultados que verdadeiramente lhes interessem.

Embora seja recorrente a discussão da etimologia oriunda do latim, *culturae*, para se referir à cultura, ao iniciar uma seção de textos acadêmicos; aqui neste trabalho intentaremos problematizar cultura, artefatos culturais e como chave-de-ouro, a cultura Surda numa perspectiva sociocultural e dialógica.

Precisamos antes de tudo, nos situar e tecer algumas considerações. Entendemos aqui cultura como heteromórfica, contrapondo o isomorfismo de espaço, lugar e cultura, transcendendo assim as questões de estado-nação (GUPTA;FERGUSON,2000). Esse heteromorfismo ocasiona uma cisão de fronteiras, mas são rompimentos que não nos separam, nos aproximam. Para nos achegarmos, nós não-surdos, de uma compreensão da cultura Surda, inventamos uma cultura (Wagner, 2010), i.e, olhamos o outro pelo viés da alteridade (dialogismo), mas usamos nossa cultura para fins de analogias; o choque cultural será inevitável. Esse ato volitivo é o que almejamos. Sem esgotar a leitura, nos ateremos, mesmo que timidamente, para as questões de transculturalidade.

Em relação à cultura Surda tomaremos como base teórica as considerações do surdo britânico Paddy Ladd. A priori é necessário pontuar que há no Brasil alguns¹⁰ pesquisadores que abordam a questão de cultura Surda, ademais bebem da mesma água do britânico supracitado. Não objetivamos trazer conceitos prontos e acabados, mas nosso intuito é ofertarmos condições necessárias para delinear a grande diferença: cultura Surda advoga para um mundo cujas experiências, autoafirmações e representações são revozeadas por intermédio da língua de sinais, enquanto que cultura ouvinte¹¹ se baliza principalmente, não unicamente, pela língua oral.

Notadamente, Ladd faz um apanhado histórico e resgata que na década de 1970 é que se tem notícia do termo “Deaf Culture” na língua inglesa. Entretanto, o mesmo autor pontua que apenas na década de 1980 é que iremos ter uma abordagem sociológica em detrimento de uma visão clínica. Mas então o que seria cultura Surda? Ladd (2003) ao citar Padden 1980, define cultura Surda da seguinte forma:

Members of the Deaf culture behave as Deaf people do, use the language of Deaf people, and share the beliefs of Deaf people towards themselves and other people who are not Deaf. (p. 93)

¹⁰ Para se debruçar nas questões de cultura surda aqui no Brasil, consultar obras de Ana Regina e Souza Campello e Karin Strobel.

¹¹ Chama-se a atenção do leitor para que não compreenda essas duas culturas em formato dicotômico, mas apenas para fins de diferenciação levando em consideração a perspectiva da alteridade.

Temos de chamar atenção para o fato de haver um tritongo entre pessoas surdas, língua de sinais e valores axiológicos que estão imbricados nesses sujeitos. E abordar essa temática num dado Projeto de Letramento é recorrer a um excedente de visão (Bakhtin 2018) instigando a outros (as) pensar cultura além de suas fronteiras de concepções, conceitos e crenças.

Um outro ponto a evidenciar é que, há um lugar que refrata bem essa concepção /acepção de cultura Surda, são as chamadas associações de Surdos. Willer Prado (2021) discorre bem sobre quais os papéis desempenhados de uma associação de surdos, e por essa tônica assegura que as associações de Surdos é o principal ponto de encontro de surdos com sua cultura. Este mesmo líder surdo ainda ratifica que um dos artefatos da cultura surda é a língua de Sinais.

Outrossim, Ladd (2003. p.17) se concatena às considerações de Willer Prado, pois ao criar uma espécie de glossário, aquele em sua obra, aponta que a língua de sinais medeia os seus próprios modos de vida; expondo de outra forma, seria a língua de sinais o elo entre o mundo (social) e sujeitos surdos. Não esquecendo que aí estão incluídas questões de identidade, artefatos culturais, epistemologias bem como ontologias.

Outro ponto crucial é o fato de o autor deste trabalho ter adquirido a língua de sinais em 2013 na Associação de Surdos Organizados de Fortaleza (ASOF), sendo esta uma agência emblemática de letramentos verbo-visuais. Em paralelo disso, este local propicia uma autoafirmação da língua de Sinais para a sociedade, na condição de primeira língua de surdos (L1) e, quiçá, de língua estrangeira para ouvintes.

Na tônica da transculturalidade, depreende-se que esta ultrapassa as amarras da multiculturalidade – no nosso caso, rompe com o ideário de ouvintes versus surdos. Chamamento para a não negação de privilégios de sujeitos sem deficiência para aqueles com deficiência. Porém louvamos aos aliados de surdos, circunscritos na comunidade surda, que corroboram para uma mestiçagem e possibilitam uma mobilidade cultural (FREITAS, 2005).

PERCURSOS METODOLÓGICOS

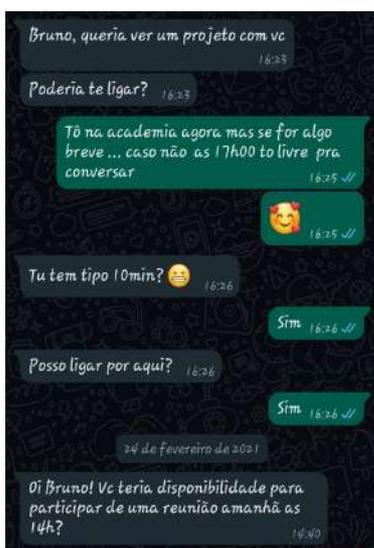
Os caminhos metodológicos trilhados foram consubstanciados por meio de : (a) exposição, bem como (b) análise de materiais. Acrescente-se ainda, que essa conjuntura dispõe de caráter qualitativo (SEVERINO, 2007; PRODANOV, FREITAS 2013). Em razão de

estarmos realizando um êxodo de experiências pessoais a uma publicização , narrativas pessoais (GROLLMUS; TARRÉS, 2015) compuseram as sínteses aqui apresentadas.

O cunho interpretativo de documentos , no nosso caso, as escrituras e textos de determinados gêneros também comporão as vielas metodológicas. Há um teor exploratório-descritivo presente em nossas considerações. Destarte, como estamos lidando com um processo e não com um produto, os auspícios do círculo bakhtiniano nos darão suporte na compreensão dos enunciados-discursivos registrados por meio da tecnologia *printscreen*.

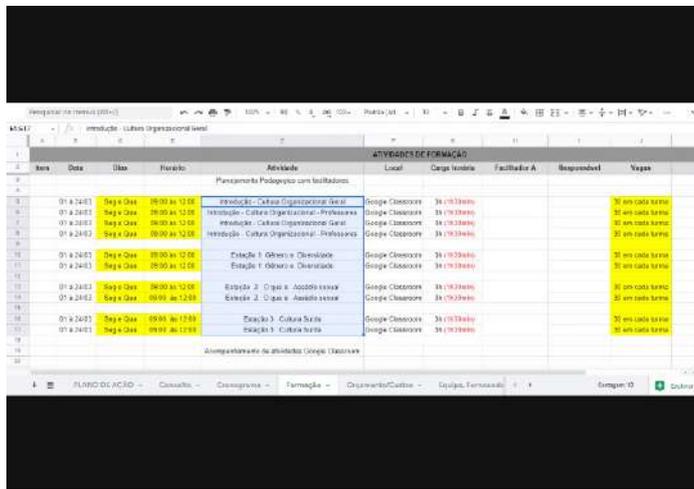
DISCUSSÕES E ANÁLISES

Nosso projeto se deu início por meio de um convite na rede social *WhatsApp* (figura 02) e já no dia seguinte participamos de uma reunião de alinhamento com apresentação de tabelas e discutimos sobre o *modus operandi* da Rede Cuca (figura 03). Recortes didáticos-metodológicos foram trazidos à baila e deveríamos segui-los sob os cânones da instituição. Outra questão pertinente , é que fomos orientados para que nos adequássemos ao método rotação por estações¹² sendo que este deveria ser executado na plataforma *Google Meet*. Para além desse fato, pontua-se que a todo instante estávamos na esteira de práticas e eventos de letramento, e os gêneros discursivos enroupavam nossas ações , projeções e prospecções.



¹² Bacich; Tanzi Neto e Trevisani (2015) versam que no modelo de rotação, os estudantes revezam as atividades realizadas de acordo com um horário fixo ou orientação do professor. As tarefas podem envolver discussões em grupo, com ou sem a presença do professor, atividades escritas, leituras e, necessariamente, uma atividade on-line.

Figura 02 (retirada dos arquivos do autor)



Item	Data	Dia	Horário	Atividade	Local	Carga horária	Facilitador A	Responsável	Vagas
Planejamento Pedagógico com facilitadores									
1	01 a 24/03	Sáb e Dom	08:00 às 12:00	Introdução - Cultura Organizacional - G&E	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
2	01 a 24/03	Sáb e Dom	13:00 às 17:00	Introdução - Cultura Organizacional - Professores	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
3	01 a 24/03	Sáb e Dom	08:00 às 12:00	Introdução - Cultura Organizacional - Estudantes	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
4	01 a 24/03	Sáb e Dom	13:00 às 17:00	Estação 1 - Gênero e Diversidade	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
5	01 a 24/03	Sáb e Dom	08:00 às 12:00	Estação 1 - Gênero e Diversidade	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
6	01 a 24/03	Sáb e Dom	13:00 às 17:00	Estação 2 - Dignidade e Assédio sexual	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
7	01 a 24/03	Sáb e Dom	08:00 às 12:00	Estação 2 - Dignidade e Assédio sexual	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
8	01 a 24/03	Sáb e Dom	13:00 às 17:00	Estação 3 - Cultura Surda	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
9	01 a 24/03	Sáb e Dom	08:00 às 12:00	Estação 3 - Cultura Surda	Google Classroom	36 (12/3600)			30 em cada turma
Acompanhamento de atividades Google Classroom									

Detalhes da reunião ^



Figura 03 (arquivos dos autores)

Em alusão às nossas incipientes análises, o gênero convite, figura 02, não seguiu os cânones tradicionais, houve uma difusão ou uma incorporação do ato de convidar transposto para uma conversa corriqueira de WhatsApp. O que nos apetece neste momento não é circunscrever um gênero, mas apontar que houve uma diáspora, de um gênero tradicional, possuindo estrutura linguística peculiar, e que agora no meio virtual, passa a ser gênero cotidiano (Volóchinov, 2021). Poderíamos ainda apontar para transmutação de gênero, considerações bakhtinianas; entretanto, para esse prólogo não nos ateremos às ponderações de Volóchinov.

No que diz respeito ainda sobre o método rotação por estações, na figura três, percebe-se que além do tema Cultura Surda houveram outros assuntos que dialogaram de maneira transdisciplinar. Embora o enfoque do nosso projeto tenha se desencadeado em torno de uma temática, outras questões como gênero e diversidade foram incorporadas. A título de exemplos podemos citar: como Surdos LGBTQIA+ se autoafirmam diante de uma sociedade ainda heteronormativa e fonocêntrica? Para guiar essas problematizações foram escolhidos alguns vídeos do Youtube no qual os interlocutores eram Surdos LGBTQIA+.

Ainda nesse sentido, é possível observar que na reunião de alinhamento, a oralidade estava presente conjuntamente com textos, esse fenômeno ocorrera nas dependências da plataforma Google Meet. Chamamos mais uma vez a atenção, pois nesse instante ocorria um

evento de letramento¹³ mediado por gêneros entrecruzados¹⁴ – monólogo, bate papo etc. Sem falar na interseção de letramentos diversos (letramento acadêmico, digital, crítico, dentre outros).

No que cerne à gêneros envolvidos no trabalho do facilitador, estiveram presentes planejamento de aulas e ementa, figura 04 e 05, respectivamente:



CONTRATO DE GESTÃO	2020/2021	CUCA		COORDENADOR(A)	Zozia Nunes	META	02
CURSO	CULTURA SURDA						
(X) INTENSIVO () EXTENSIVO	VAGAS	30-40	CARGA HORÁRIA		18h aula 10h planejamento TOTAL- 28h		
DATA/MES/ANO	03/2021	DIAS	03 e 10/03 15 e 17/03 22 e 24/03	HORÁRIOS		14-17h	
PROFESSORIA	Bruno Carlioca	EMAIL	bruno@carlioca@gmail.com	TELEFONE		81-997632951	
EMENTA (apresentação do curso / perfil de finalidades)	Questões que dizem respeito à Cultura e Identidade Surda. Recorte histórico em diferentes períodos, analisando assim a relação surdo-ouvinte. Apresentação de marcos legais que tangenciaram a Educação de Surdo no Brasil, além de expor a dicotomia: perspectivas socioantropológicas e médico-clínica. Cultura Surda que se vincula as Línguas de Sinais e ao povo surdo. Língua de Sinais como resistência ao contexto sociopolítico e histórico. Setembro azul, legislação da Libras, papel das associações e federações na trajetória de surdos.						

CONHECENDO A CULTURA SURDA

Instituição: REDE CUCA

OH 249

Questões que dizem respeito à Cultura e Identidade Surda. Recorte histórico em diferentes períodos, analisando assim a relação surdo-ouvinte. Apresentação de marcos legais que tangenciaram a Educação de Surdo no Brasil, além de expor a dicotomia: perspectivas socioantropológicas e médico-clínica. Cultura Surda que se vincula as Línguas de Sinais e ao povo surdo. Língua de Sinais como resistência ao contexto sociopolítico e histórico. Setembro azul, legislação da Libras, papel das associações e federações na trajetória de surdos.

OBJETIVOS

Problematicar pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos e aspectos dos fundamentos históricos, filosóficos, socioeconômicos, linguísticos, comunicacionais, culturais e legais da Educação de Surdos no Brasil. Compreender a relação entre identidade, artefatos e marcos culturais surdos. Apresentar, analisar-se a respeito das associações e movimentos sociais que permeiam a comunidade Surda.

Referências

- ALBUQUERQUE, Nivaldo de Aguiar. Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação de docentes de professores. Curitiba: Appris, 2016. 260 p.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.
- CAMPOLLO, Ana Regina e Souza. ASPECTOS DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação de Educação. UFSC, Florianópolis, 2008.
- GESSELE, Andrei. O surdo e a surdez: sobre ensinar e aprender a língua. São Paulo: Parábola, 2012.
- SKLIAR, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Medição, 1998.
- STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.
- NUNES, Mircia Vidal; Portela, Marina Gomes. As representações Sociais da Identidade Surda e o direito ao reconhecimento. MEdin e Condição. v. 11, p. 88-105, 2017.
- QUADROS, R. M. de S. KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

Seria, a priori, visto como elementar visualizar os dois gêneros acima em consonância com os objetivos propostos desde o início do projeto. Todavia, indo na contramão dos ritos mais convencionais, a realidade que nos era exposta apontavam para um planejamento reverso¹⁵, proposto por Wiggins e McTighe (2019). Em linhas gerais, esse método se presentifica dando ênfase ao aprendizado e não ao ensino alicerçado em atividades. De outra forma, estaríamos indo do *lato sensu* ao *stricto sensu*, ou ainda do macro ao micro, vejamos uma breve ilustração:

¹³ Para as autoras Oliveira, Tinoco e Santos (2014, p.21), corresponde a uma situação qualquer em que uma pessoa ou várias estejam agindo por meio da leitura e da escrita.

¹⁴ Enquanto há interação entre interlocutores por meio da língua oral, o *chat* também serve como instrumento de atividades ativas responsivas.

¹⁵ Tal abordagem foi considerada necessária para aquele momento, se trata de uma abordagem situada, não sendo portanto considerada a mais qualificada.

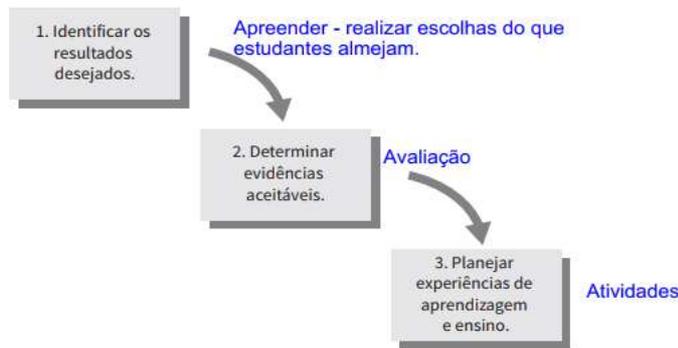


Figura 06 , adaptação do autor (WIGGINS; MCTIGHE, 2019.p. 18).

A pergunta que realizamos no primeiro dia de aula foi a seguinte , vocês desejam aprender o que sobre cultura Surda? Em um segundo momento questionamos como elas(eles) queriam ser avaliadas(os), e de pronto chegamos a um consenso que usaríamos as mídias sociais para propalar os assuntos debatidos em nossas aulas. E em último plano pautamos nossas atividades, subjaz que estas seriam as postagens dos estudantes em redes sociais : podcast, stories, reels e correlatos.

Isso se justifica por termos um capital de estudantes (trans)diversificado , que era formado por professores de diversas áreas: psicólogos, enfermeiros, guardas municipais , assistentes sociais em muitos outros, além de contar com a participação assídua de gestores. A necessidade de recorrer ao aparato digital era iminente.

No prólogo deste trabalho, trouxemos à tona algo que nos incomodava pois até então éramos vistos como os únicos detentores do saber , de forma análoga seria o que Freire (2017) ilustra como uma relação bancária - os professores os que depositam e os alunos os que recebem depósitos. No projeto que se seguiu, havia sempre uma necessidade de se aproximar dos aprendentes utilizando uma linguagem (múltiplas semioses) que pudesse ser palatável. Nas palavras de Freire (2017), necessitamos de um ensino (educação) que fale a língua do povo (público-alvo).

Para enriquecer nossas considerações, de praxe recorreremos aos gêneros, discursos, letramentos, projeto de letramento e planejamento. Todavia, não poderíamos passar despercebido que a didática esteve entrecruzando nosso projeto. Mas afinal , que compreensões de didática, enquanto ciência, nos foram oportunas? A autora Pimenta nos representa bem , posto que o objeto de estudo da Didática não é nem o ensino, nem a

aprendizagem separadamente; mas o ensino é sua intencionalidade é que a aprendizagem, tomada em situação” (2012).

Outro registro do nosso projeto, que trazemos à memória, retrata o que aconteceu no período de aula propriamente dito. Nas figuras abaixo, veremos uma lâmina de exposição de aula (*PowerPoint*), e outra referente à saudação de boas vindas aos estudantes (funcionários da Rede Cuca). A língua de sinais, sempre que possível era posta em evidência, vejamos na figura 08, todavia recorriamos à tradução para o PT-BR falado, haja vista que as turmas estavam debutando em questões concernentes à cultura Surda. Os estudantes não eram fluentes em língua de sinais.

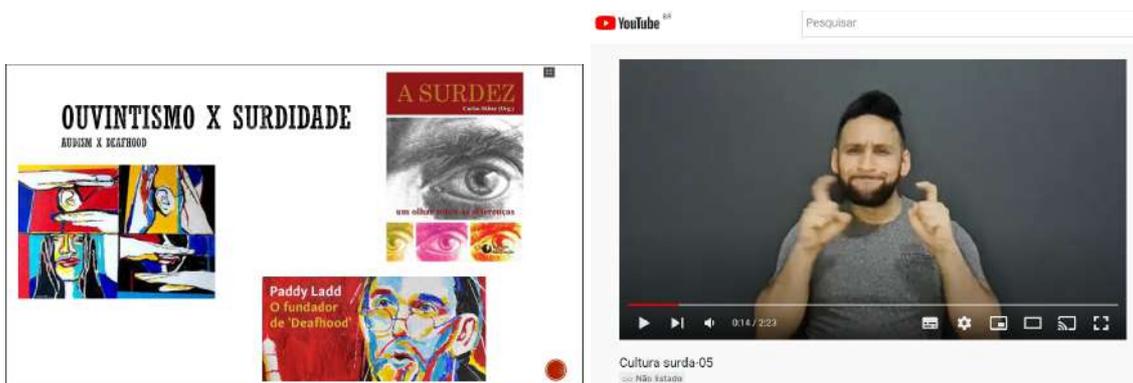


Figura 07 e 08 respectivamente(arquivos do autor)

As aulas foram ministradas por meio do gênero exposição oral, contudo havia sempre um alinhamento com a multimodalidade, o visual verbal também foi evocado, isso é notório na figura 07; mais ainda, estavam postas em evidência questões de audismo/ouvintismo e um novo termo proposto por Paddy Ladd, a Surdidade, despertara curiosidades. Como já bem delineado nas intenções metodológicas, prezou-se por recorrer ao círculo bakhtiniano, o excedente de visão (alteridade), para fundamentar nossas experiências, alinhado à necessidade de uma práxis foram imperiosos.

Necessário, sem embargo, abrir mesmo que timidamente para um assunto ainda incipiente, a paisagem linguística¹⁶ (PL) escolar, no nosso caso, PL virtual no domínio educacional. A PL educacional, enquanto discurso, também compôs esse conjunto de vozes e ecos refratados por sujeitos que trouxeram em suas bagagens das mais diversas expertises. Os

¹⁶ Landscape Linguistic (LL), para um aprofundamento nessas questões consultar Shohamy & Waksman (2009). Os autores apontam que: For those working in this area, the language that can be found in cities, indoor markets and outdoor shopping centers, shops, **schools**, offices of government and big corporations, moving buses, campuses, beaches and the cyber space are important data that need to be studied (grifos nossos).

estudantes receberam um discurso visual verbal e retroalimentaram para seu discurso particular. Ou como diria o próprio Bakhtin (2020, p 54) essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão , o seu tom valorativo que assimilamos , reelaboramos e reacentuamos.

Um outro aspecto a mencionar, é que na capa do livro de Carlos Skliar (figura 07), há olhos fitados e que estão dispostos em várias cores, possivelmente remetendo aos sujeitos surdos que possuem idiossincrasias notadamente visuoespaciais. Um outro ponto a evidenciar está na alocação do retrato pintado de Paddy Ladd com a expressão “ o fundador de deafhood”. Para quem não se situa em cronotopos da comunidade surda, necessário pontuar que o termo *deafhood* traz à tona novas epistemologias, decolonialidades, no caso epistemologias do povo surdo. Ressalta-se que essas últimas questões foram debatidas em sala de aula virtual no período de pandemia.

Para “desfechar” , não findar, com esse corolário de discussões, trazemos dois exemplos de atividade realizadas pelos estudantes em nosso projeto , expostas na figura 09 e 10 respectivamente:

ALUNA: E. L. L. L. L. L.
SETOR: DPDH EQUIPAMENTO: CUCA BARRA

• COMPROVAÇÕES



• DESCRIÇÃO

Utilizei para a criação do storie o aplicativo **INSTAGRAM** , a primeira imagem representa o processo de criação. Na segunda imagem tem o storie que foi compartilhado nos status do **WhatsApp**, como orientado pelo professor, mostra as visualizações desse conteúdo até às 22:23 do dia 19 de março, que impactou cerca de 45 pessoas.



Figura 09 (arquivos do autor)

Figura 10 (arquivos do autor)

Na figura 09 temos além de uma postagem de Instagram, um relato da estudante, no fim da página, descrevendo suas fazeduras, uma espécie de passo a passo da atividade proposta. Já na figura 10 há um *podcast* que também foi realizado por outro estudante, no mesmo período do projeto de letramento.

Há algo super atípico nessas atividades, pois além de produzirem materiais em gêneros discursivos no meio digital e o fato de recorrerem ao uso maciço das mídias sociais, tais como Instagram e Spotify, essas (esses) estudantes solicitaram ajuda aos familiares, já que alguns não detinham de um cabedal de letramento digital satisfatório. A parte mais excitante surge nesse período, os familiares vieram nos procurar para discutir conjuntamente as proposituras da atividade.

Tal feito reforça que o projeto de letramento corroborou para que, através do processo de transmediação (professores-estudantes-familiares), recorrendo sempre a gêneros do discurso, conseguíssemos impactar socialmente a leitura e a escrita, bem como a oralidade desses sujeitos. Difundir a cultura surda, bem como problematizá-la, alargando os limites para além da comunidade surda, tendo como bojo instigar uma relação plural com alteridade, foram(são) carros-chefe que vanguardam a diferença socioantropológica de um povo e resistem a uma sociedade ainda fonocêntrica.

CONSIDERAÇÕES INTERMITENTES

Seria um despautério nos impor com “considerações finais”. A autoafirmação que nos apetece é (des)aprender e (des)construir. E para que este *ad continuum* ocorresse, um fechar com chave de ouro não seria insurgente. Nosso projeto manteve um diálogo com diversas interfaces científicas, a mestiçagem enriqueceu nosso eu profissional e pessoal. Nossa subjetificação só pode ocorrer com o olhar do outro sobre nós e vice-versa. Intentamos nos alocar em um campo desconcertante, recheado de indagações e incertezas, mas com uma curiosidade epistêmica que nos suleou para além de imposições fronteiriças.

Projetos de Letramento ainda são incipientes no espectro da comunidade surda, o sinal-termo por si só já carrega deturpações de compreensões epistemológicas¹⁷, reduzindo a compreensão de letramento à mera “nuances de palavras”. Urge a necessidade de promover

¹⁷ Ver sinal-termo em: <https://redesurdosce.ufc.br/2018/11/27/letramento/>

projetos de letramento sob os auspícios da Linguística Aplicada. Uma boa alternativa , possivelmente, seria “cisurar” construtos que apontam para uma colonização. Decolonizar com um olhar quântico , como diria Vilhalva (2021), se aproximando de uma identidade-idioma visual traz um sopeso que eleva o languageiro, o baixo , o impuro à uma nova condição : uma cosmovisão translanguageira.

AGRADECIMENTOS

Às ilustríssimas Maria do Socorro e Ivoneide Bezerra por provocar inquietudes deveras e por me acolher nesse oceano chamado letramento(s). Ao Daniel de Oliveira, surdo, e coautor que recicla todos os dias o meu *affair* com a língua de sinais e me oportuniza imergir com excedente de visão nessa cultura tão pirotécnica (como diria Foucault). A minha gratidão se estende à minha orientadora Cellina Muniz que com sua bruxaria insurgente me descola para um estado transfronteiriço de (De)colonialidades. À Nádia Ribeiro , amiga , parceira que esteve nesse projeto de letramento e não mediu esforços para levar “as boas novas” por meio do ensino remoto. Como diria em nosso languageiro ordinário “ só presta se for com muita baixaria”, ou seguindo os ritos acadêmicos, só nos é caro se nos desafirmos diariamente sem correr riscos de tautologias metadiscursivas , meros papagaios de academia.

AUTORES CONSULTADOS

BACICH, L. TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso, 2015. 270p.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 5 ed. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Tradução do russo Paulo Bezerra.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 3a imp. Organização, tradução, posfácios e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020. 176 p.

BARTON, David, HAMILTON Mary & IVANIC, Roz. **Situated Literacies**. London: Routledge, 2000.



BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília(orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo : Contexto, 2012.302 p.

CANAL DA JUVENTUDE. Disponível em: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>. Acesso em 20 jul de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** : saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011. 143 p. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam.1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2017.

FREITAS, Livia. Transculturação e transculturação narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF; Niterói: UFF, 2005.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em:< <https://www.unifacisa.edu.br/arquivos/monografia-pos/documentos/>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. “Mais além da ‘cultura’: espaço identidade e política da diferença, in ARANTES, A. A. (Org.). **Espaço da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000 [1992]. pp. 31-49.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; RIBEIRO, Petilson. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020

KLEIMAN, Ângela Bustos; SANTOS-MARQUES, Ivoneide; LERQUIM, Eulalia. **O humanismo ético de Paulo Freire**: impactos na configuração de estudos sobre a linguagem e ensino. Campinas: Pontes, 2021. 306 p. (Orgs).

LADD, P. (2003). **Understanding deaf culture**: In search of deafhood. Clevedon, England: Multilingual Matters.

OLIVEIRA, M. S.Gêneros textuais e letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, p. 325-345, Belo Horizonte: UFMG, 2010.

OLIVEIRA, M. S. O que é, como se faz e o que significa trabalhar com projeto de letramento. In: SATO, D. T. B.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SANTOS, R. C. R. **Ler, escrever, agir e transformar: uma introdução aos novos estudos do letramento**. Recife: Pipa Comunicação, 2016, pp.279-303.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araujo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal: Edufrn, 2014.



PRADO, Willer Cysne. **A importância da liderança surda na Comunidade Surda**. In: IV Roda de conversa da comunidade Surda de Aracati. YouTube, 06 OUT 2021. Disponível em: <https://youtu.be/Wq7liOzLmCI>. Acesso em: 20 maio de 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: **Feevale**, 2013. 277 p. Disponível em: feevale.br. Acesso em: 10 out. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: antologia essencial. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. Epistemologia da prática ressignificando a Didática. **Didática: embates contemporâneos**. 2. ed. Tradução . São Paulo: Loyola, 2012. p. 154. Acesso em: 04 jun. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed. Sao Paulo: Cortez, 2007. 335 p.

SILVA, IVONEIDE. O ensino da escrita na perspectiva do letramento e do empoderamento para a participação e mudança social. In: SATO, D. T. B. BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SANTOS, R. C. R. **Ler, escrever, agir e transformar: uma introdução aos novos estudos do letramento**. Recife: Pipa Comunicação, 2016, p.181-208.

SKLIAR, Carlos. **Os Estudos Surdos em Educação**: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez – um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.7-32.

VILHALVA, Shirley. Identidade-Idioma Visual. **Revista de Educación**, [s. l], v. 12, n. 24, p. 387-401, 2021.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo ; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021. 3 ed. 376p.

VYGOTSKY, Leontiev, Luria. - **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP, Icone, 6a ed. 2010.

WAGNER, Roy. “A presunção da cultura” e “Cultura como criatividade”, in **A invenção da cultura**. São Paulo: COSACNAIFY, 2010. pp. 27-48 e 49-74.

WENGER, E. (2010). Communities of Practice and Social Learning Systems: The Career of a Concept. In C. Blackmore (Ed.), **Social Learning Systems and Communities of Practice** (pp. 179-198). London: Springer.

WIGGINS, Grant; MCTIGHE, Jay. **Planejamento para a Compreensão**: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio da prática do planejamento reverso. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019. 384 p. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa.